

A AULA COMO PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN
CÍCERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN
IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO
PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Ana Lúcia Goulart de Faria
Eduardo Pereira Batista
Rosali Rauta Siller
(org.)

A AULA COMO PRODUÇÃO
DE CONHECIMENTOS:
interlocuções com a sociologia da infância

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Au51 A aula como produção de conhecimentos : interlocuções com a sociologia da infância / organização: Ana Lúcia Goulart de Faria, Eduardo Pereira Batista e Rosali Rauta Siller. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2022.

1. Formação de professores. 2. Educação. 3. Educação de crianças. –
4. Infância – Aspectos sociais. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de. II. Batista,
Eduardo Pereira. III. Siller, Rosali Rauta.

CDD - 370.71

- 370

- 370.21

ISBN 978-85-268-1581-0

- 305.26

Copyright © Ana Lúcia Goulart de Faria, Eduardo Pereira Batista e Rosali Rauta Siller
Copyright © 2022 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei n. 9.610, de 19 de fevereiro 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar

Campus Unicamp

CEP: 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Dedicamos in memoriam esta coletânea à nossa saudosa amiga
Lisete Regina Gomes Arelaro, mulher, mãe, avó, feminista,
guerreira, militante, pesquisadora, intelectual, professora
emérita da Faculdade de Educação da USP, uma das grandes
educadoras deste nosso país, que partiu há um ano, em 12 de
março de 2022.*

*Deixou um grande legado, a coragem, a insistência e a teimosia
na luta contra as desigualdades e injustiças sociais em
decorrência de políticas públicas nefastas implementadas em
nosso país, em especial nos últimos anos, para que a democracia
no Brasil possa renascer. Seguimos sua luta militante e socialista
em defesa de um mundo melhor, mais justo, mais humano para
todas as pessoas.*

*Em suas palavras: “Depende de nós, depende de nossas lutas,
depende de nossa militância, depende de nossa coragem”.*
Lisete vive e está presente entre nós, nas lutas e resistências.

AGRADECIMENTOS

Esta coletânea é resultado de um esforço coletivo, por isso não poderíamos deixar de registrar nosso mais profundo agradecimento aos docentes e discentes da disciplina *Sociologia da Infância* da pós-graduação da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, que participaram e contribuíram para a sua realização. Agradecemos também às quatro professoras mestras (Amelinha Teles, Leila Oliveira Costa, Mariana Semião e Eleonora Simões) que participaram da disciplina, mas, por não serem doutoras, não puderam estar no livro. Agradecemos também ao colega e amigo professor doutor Edson Teles, grande inspirador que abriu a disciplina, mas não escreve agora no livro.

Devemos um agradecimento especial à revisora Wilma Rigolon, mulher incansável e generosa, pela leitura dedicada e por toda a sua colaboração para que esta coletânea se tornasse possível.

SUMÁRIO

Prefácio – A infância e a potência dos desvios	11
<i>Carolina Catini</i>	
Apresentação	17
<i>Ana Lúcia Goulart de Faria, Eduardo Pereira Batista, Rosali Rauta Siller</i>	
1. Filosofia da infância, entre tempo e política: do governo ao não governável	27
<i>Sílvio Gallo</i>	
2. A educação entre o trabalho, a obra e a ação: uma contribuição arendtiana para a Educação Infantil	49
<i>Eduardo Pereira Batista</i>	
3. Uma colagem de “imagens” das relações entre infância, caráter e destino	87
<i>Antonio Miguel</i>	
4. Infância e políticas públicas: diálogos com contribuições de Michel Foucault	167
<i>Maria Renata Alonso Mota, Gisele Ruiz Silva</i>	

5. Participação das crianças na luta de classes e possibilidades de uma educação emancipatória desde a creche 195
Elina Elias de Macedo

6. Infâncias e mulheres do luto à luta: perversidades estruturais, pedagogias descolonizadoras e poéticas da resistência 209
Adriana Alves da Silva

7. Os efeitos da colonialidade na educação das crianças manauaras: quando a violência recrudescer sobre a vida das mulheres e crianças 233
Vanderlete Pereira da Silva

8. “Aprendizagem de desaprender” em rodas de conversas com as sabedorias indígenas: construindo outros jeitos de estar com as crianças 251
Mirian Miroca Lange Noal

9. Notas sobre infância, deficiência e interseccionalidade: por uma pedagogia aleijada desde a Educação Infantil 287
Fernanda Cristina de Souza

PREFÁCIO

A INFÂNCIA E A POTÊNCIA DOS DESVIOS

*Carolina Catini*¹

Crianças decretam a renovação da existência...

Walter Benjamin²

É bom lembrar, como faz Walter Benjamin, que as crianças decretam a renovação da existência. Sobretudo em tempos como os que vivemos, em que as expectativas se rebaixam a ponto de se reduzirem à própria sobrevivência para uma imensa camada da população, considerada descartável por não ser rentável, por ter sido espoliada, alijada, despejada, violentada. A aceleração das transformações técnicas e sociais impele a uma velocidade cada vez maior da vida social, o que impede a experiência do tempo e produz choques entre distintas formas de vida. Com isso, os conflitos se afloram, seja pela disputa pelo sentido das transformações, seja pelo conservadorismo crescente, que grita pela manutenção das posições de poder. Em todos os cantos do mundo, multiplicam-se guerras, devastações ambientais, massacres, genocídios, massas de refugiados, precarização, privação de serviços e recursos básicos. O futuro deixa de aparecer como promessa e passa a rondar a existência como ameaça, como afirma Hartog.³

A infância, que, durante o século passado, era fonte de esperança de um futuro melhor, hoje pode passar despercebida por sua invisibilidade nas análises de conjuntura política, social e econômica. Mas não passa nunca despercebida para quem educa com o compromisso, com a necessidade de transformar o mundo, por quem insiste em criar caminhos para isso. Quem educa com compromisso sabe que a novidade que as crianças trazem com sua chegada depende das maneiras de inseri-las num mundo preexistente, cujo decreto pode ser de renovação da barbárie pela interdição da possibilidade de criação, pela necessidade de controle e enquadramento às formas de vidas que produzem e reproduzem a violência; ou de renovação criadora, na qual o modo de recebê-las oferece espaço para a criação, bem como recursos para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de autodeterminação. A formação é um de tais recursos, que pode abrir-se à renovação para as mais variadas formas de conhecimento do mundo, para que as novas gerações não sejam privadas de sua potência transformadora.

Neste livro, a infância é o centro das atenções; e essa escolha faz parte de um desvio fundamental. A opção por desviar-se do mundo “adultocêntrico”⁴ já faz escola nesse meio de pensadoras e pensadores que consideram as crianças não apenas pelo futuro adulto ou pela futura adulta que elas se tornarão, mas pelo presente que modificam e em que vivem. Elas não modificam somente por sua inserção na vida social, mas também porque criam culturas infantis⁵ em suas interações. Por meio da brincadeira, da imaginação, do faz de conta, as crianças criam relações novas e incoerentes, “as crianças formam seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande”, justamente por não estarem “empenhadas em reproduzir as obras dos adultos”.⁶

Essa opção revela também um índice quase mascarado pelo trabalho educativo e pela pesquisa voltada para a infância: tomá-la como objeto de estudo poderia ser apenas fruto da especialização de nossa divisão do trabalho; mas não aqui, em que ela denota uma busca pelos desvios. Nas rotas previsíveis, desvios da situação que obriga milhares de existências a estarem num mundo que se transforma radicalmente na condição de espectadores e espectadoras, estando interdita a possibilidade de intervir no rumo da história. Busca-se tomar não apenas o passado, mas também o presente – do qual as crianças fazem parte – como histórico e produtor de relações, assim como considerar o caráter criador e libertador da forma infantil de estar no mundo, que são elementos que provocam um pensamento desestabilizador entre nós, pessoas adultas.

É da estrangeirice do mundo de pessoas adultas que provém potência renovadora das crianças, que experimentam a vida com a intensidade que nos foi negada pela velocidade e superficialidade das relações com as pessoas e com as coisas que nos impõem a vida sob demanda alheia, a vida produtiva ou rentável. Nossa inaptidão para a experiência se contrasta com as formas de vida das crianças ainda não amoldadas pelas instituições, pela indústria cultural, pelas redes sociais etc. e que resistem a tal formatação. O tempo abstrato, quantificado pelos relógios que regem a vida do trabalho, não prevalece nas relações que as crianças estabelecem, comandadas por outro tempo, sem medida e sem contabilidade das metas cumpridas, um tempo não cronológico e nem empobrecido pela noção de que pode ser “usado”, “gasto”, “consumido” ou “matado”, como se fosse espaço disponível que transcorresse em paralelo à vida, e que pode ser deixado vazio ou preenchido com tarefas que levam

a um destino previsível. Para a infância, o tempo não se cindiu da própria experiência vivida, e nisso reside sua possibilidade criadora.

Não obstante, o caráter desviante dos estudos aqui reunidos não se limita à tomada da infância como objeto, mas refere-se ainda às abordagens e às escolhas pelas quais as infâncias se observam: não se trata da criança massificada e padronizada pela intervenção das instituições estatais, religiosas, empresariais e mercadológicas nas grandes cidades; ao contrário, trata-se das crianças inseridas em contextos que escapam ao controle total ou que dão origem às novas relações.

A tratativa da infância inserida em contextos diversos daqueles considerados “típicos” também revela a qualidade tortuosa dessa busca, o que não coincide com desorientação, uma vez que tem como princípio a exigência de encontrar outros ordenamentos e outras configurações sociais que possibilitem os escapes necessários para a construção de outros futuros. Os textos abordam situações concretas, como a infância amazonense; a dos “aprendizados de desaprender” por meio da sabedoria indígena; a da criança que participa da luta de classes e tem a chance de uma educação emancipatória; a que é vivida no bojo das resistências criadas pela luta contra opressão advinda da interseccionalidade entre raça, classe e gênero, etnia, idade e deficiência; a das pedagogias descolonizadoras e das suas poéticas; a da criança deficiente e da reivindicação de uma “pedagogia aleijada”. Mas também nos oferecem abordagens teóricas, seja pela crítica foucaultiana do livro didático, seja pela crítica da visão liberal de infância e da pedagogia, firmada na passagem do século XIX para o século XX entre grandes capitais do mundo, ou, finalmente, no exame subversivo e filosófico do caráter “não governável” das crianças, que, mais do que

ingovernáveis, aqui aparecem “como aquilo que não tem governo, nem nunca terá” e que, por isso, tem a chance de “desembarstar”. Inspirado em Chico Buarque, com que Sílvio Gallo nos brinda, esse “desembarstar” não diz respeito apenas a se tornar desvairado e desgovernado, mas sobretudo pela possibilidade que a criança nos apresenta de deixar “de sermos bestas” e passar a assumir as rédeas de nossas vidas, com autonomia.

Enfim, o desvio é aqui um método. Ele reside nos produtos textuais que dão corpo ao presente livro, que desconfiam daquilo que é o padrão, o mediano, o representante das maiorias. Mas, antes, residiu nos exercícios de pensamento que podem ser abrigados pela prática do ensino, que, no caso desta obra, se refere à disciplina *Sociologia da Infância* e cuja especificidade pode ser tangenciada pela apresentação do livro. Produzir conhecimento não diz respeito somente à apropriação e à reelaboração daquilo que já faz parte dos acúmulos teóricos, mas sim ao exercício constante da reflexão, no qual “o pensamento começa sempre de novo, volta minuciosamente à própria coisa” e se dá de modo “ao mesmo tempo minucioso e hesitante, que volta a seu objeto, mas por diversos caminhos e desvios, o que acarreta também uma alteridade sempre renovada do objeto”.⁷ Tal alteridade em relação ao objeto é imprescindível quando se trata da infância, não apenas pela sua natureza, mas sobretudo pelo caráter social e histórico dessa categoria. Em tempos de grandes transformações, é possível que também o estatuto da infância se altere; e somente o exercício do pensamento, a um só tempo, crítico e aberto, que coloca em questão nossas convicções, pode estar conectado com o tempo do mundo.

Que este prefácio seja um convite à leitura e ao pensamento crítico e cheio de desvios.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo, Brasiliense, 2000.
- . *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo, Duas Cidades/Ed. 34, 2009 (Coleção Espírito Crítico).
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Educação pré-escolar e cultura*. 2. ed. Campinas/São Paulo, Editora da Unicamp/Cortez Editora, 2002.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de & SANTOS, Solange Estanislau. “O que quer dizer educação emancipatória na creche para as crianças de 0-3 anos? Entre o adultocentrismo e a descolonização”. *Eventos Pedagógicos*, vol. 6, n. 3, 2015, pp. 63-74.
- FERNANDES, Florestan. “As ‘trocinhas’ do Bom Retiro”. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1979, pp. 153-258.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Perspectiva, 2011.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte, Autêntica, 2021 (Coleção História e Historiografia).
- ROSEMBERG, Fulvia. “Educação para quem?”. *Ciência e Cultura*, n. 12, 1976, pp. 1.466-1.471.

Notas

- ¹ Professora do Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, vice-coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Crítica Social (Gepecs). Pedagoga, mestra e doutora formada pela Faculdade de Educação da USP. *E-mail*: ccatini@unicamp.br.
- ² Trecho de “Desempacotando minha biblioteca”, presente na coleção de textos “Imagens do Pensamento”, reunidos. Cf. Benjamin, 2000.
- ³ Hartog, 2021.
- ⁴ Rosemberg, 1976; Faria & Santos, 2015.
- ⁵ Fernandes, 1979; Faria, 2002.
- ⁶ Benjamin, 2009, p. 104.
- ⁷ Gagnebin, 2011, p. 87.

APRESENTAÇÃO

*Ana Lúcia Goulart de Faria*¹

*Eduardo Pereira Batista*²

*Rosali Rauta Siller*³

Podemos dizer que há formação quando há obra de pensamento e que há obra de pensamento quando o presente é apreendido como aquilo que exige de nós o trabalho da interrogação, da reflexão e da crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão, pergunta, problema, dificuldade.

Marilena Chauí⁴

Quando as universidades – em especial as universidades públicas – se tornam alvo de grupos reacionários, cuja pulsão de destruição se manifesta contra tudo aquilo que advém do trabalho intelectual e da experiência do pensamento, o ofício de professor e de professora se torna uma profissão perigosa; e dar aulas, um gesto de coragem e uma forma de resistência. Assim afirmamos com as palavras da já saudosa Lisete Arelaro, falecida em 12 de março de 2022, “ser professor(a) hoje significa uma opção difícil, mas necessária [...]. Nós hoje estamos vivendo um momento terrível, mas ele não é desse jeito para sempre”. Recentemente, no Brasil, vimos isso acontecer em 2017, quando o professor de Ciência Política,

Luís Felipe Miguel, propôs na Universidade de Brasília (UnB) uma disciplina de pós-graduação intitulada *O golpe de 2017: o futuro da democracia* e foi acusado, em nota, pelo Ministério da Educação, de “proselitismo político e ideológico de uma corrente política, usando uma instituição pública de ensino”. Diante desse ataque institucional ao trabalho intelectual e à experiência de pensamento, diversas universidades públicas, entre as quais a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), propuseram, em solidariedade ao professor Luís Felipe Miguel, um curso sobre o golpe institucional que derrubou o governo de Dilma Rousseff e, mais uma vez, esculhambou a democracia no Brasil.⁵

De lá para cá, as investidas contra o trabalho intelectual e a experiência do pensamento se tornaram cada vez mais ostensivas. Embora gozem de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, conforme previsto na Constituição Federal,⁶ as universidades públicas têm sofrido diversos ataques desde o golpe de 2016. O corte de verbas para fomento à pesquisa e a interrupção de concursos públicos para contratação de docentes, funcionárias e funcionários, decorrentes da emenda constitucional do teto de gastos públicos que foi aprovada logo depois do golpe institucional, põem em risco a autonomia universitária, tal como preconizada no espírito da lei. Ademais, ainda conforme a Constituição Federal, as universidades públicas devem obedecer ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Mais uma vez, quando o patrimônio material e simbólico das universidades públicas se vê ameaçado constantemente por grupos reacionários, esse princípio também se encontra sob ameaça.

É nesse campo de forças políticas conservadoras e reacionárias que a disciplina *Sociologia da Infância*, oferecida no segundo semestre de 2021, pelas professoras Ana Lúcia Goulart de Faria e Adriana Alves da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, tornou possível o trabalho intelectual e a experiência do pensamento. Para tanto, foi preciso inventar um caminho para criar um espaço e um tempo não apenas de transmissão, mas de produção de saberes e conhecimentos; um caminho no qual fosse possível reposicionar docentes e discentes na relação com o passado à luz do presente, de modo que a aula se tornasse um lugar onde há formação.

Ao fazer ressoar a poesia do espanhol Antônio Machado, que diz: “caminante, no hay camino, se hace camino al andar”,⁷ as professoras Ana Lúcia Goulart de Faria e Adriana Alves da Silva fizeram caminho ao caminhar na companhia de pesquisadores, pesquisadoras e estudantes para resistir alegremente contra o ódio das forças reacionárias que atacam abertamente o trabalho intelectual e a experiência de pensamento nas universidades públicas. Foi percorrendo esse caminho que se faz ao caminhar que a disciplina *Sociologia da Infância* pôde reunir diversos modos de pensar e, dessa maneira, alargar o horizonte de pensamento das/os caminhanes ao fazerem seu caminho no decorrer da disciplina.

O itinerário proposto foi balizado por alguns temas delimitados pelo campo ampliado da Sociologia da Infância: a criança como sujeito de direitos, capaz de estabelecer múltiplas relações, criadora e criatura da história e da cultura; as relações entre as pessoas adultas e as crianças e entre crianças e crianças na produção das culturas infantis; a abordagem interseccional dos marcadores sociais de gênero,

raça, classe social, etnia, idade e deficiência; e as novas configurações da realidade social nas atuais modificações da gestão do tempo cotidiano e da produção de mundos de morte no atual contexto da pandemia no Brasil. Por entre esses temas, as/os estudantes puderam interrogar e refletir, fazendo caminhos e produzindo conhecimentos por meio de seminários com textos indicados pelas/os professoras/es convidadas/os, que dividiram as aulas em dois momentos: no primeiro, uma exposição da/o docente, que abordava pelo menos um desses temas, a partir de diferentes perspectivas teóricas; e, no segundo, uma exposição dos/as alunos/as que problematizavam o mesmo tema a partir de suas próprias leituras e questões. Nessas exposições, docentes e discentes da aula estavam *ex-postos* à aventura intelectual, *ex-postos* à experiência do pensamento. Essa configuração da aula permitiu o reposicionamento de cada docente, que, ao assumir diferentes posições na cena educativa, pôde tecer novas relações com as diferentes heranças culturais e interrogar o passado à luz do presente. Trata-se, pois, de *exposições* que reconfiguraram a relação triádica entre docentes, discentes e conhecimento e transformaram a aula em um acontecimento.⁸

Devido ao distanciamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus (covid-19), as aulas ocorreram por meio do Google Meet, seguindo as orientações de funcionamento da Unicamp. Embora tenha sido à distância, a aula foi compreendida como um lugar de encontro potencialmente emancipador e formativo. Talvez esse tempo no qual ficamos forçosamente afastadas/os umas/uns das/os outras/os e da universidade possa ser compreendido, nas palavras de bell hooks,⁹ como uma oportunidade de trabalhar pela liberdade do pensamento. E, nesse sentido, um tempo que exigiu de